

# O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO MORFOLÓGICA NA LÍNGUA TENETEHÁRA: ANÁLISES PRELIMINARES

---

ANA CLAUDIA MENEZES ARAUJO\*

---

## RESUMO

Este *squib* tem como objetivo analisar o processo de causativização morfológica na língua tenetehára realizado por meio dos morfemas causativos {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}. O prefixo {*mu-*} tem a propriedade de causativizar verbos intransitivos, tornando-os transitivos, enquanto o sufixo {-(*u*)*kar*} se afixa a verbos transitivos e os torna ditransitivos. Os dados foram coletados a partir de entrevistas e analisados sob a perspectiva da teoria gerativista, com destaque para a proposta de Pykkänen (2008). Os resultados das análises preliminares confirmam que a causativização morfológica na língua tenetehára ocorre por meio dos morfemas {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}; contudo, apresentam-se algumas variações quanto à causativização dos predicados inacusativos.

**Palavras-chave:** língua tenetehára, estruturas causativas, morfemas causativos

## ABSTRACT

This *squib* aims to analyze the process of morphological causativization in the tenetehára language performed through the causative morphemes {*mu-*} and {-(*u*)*kar*}. The prefix {*mu-*} has the property of causing intransitive verbs, making them transitive, while the suffix {-(*u*)*kar*} affixes itself to transitive verbs and makes them ditransitive. Data were collected from interviews and analyzed from the perspective of the generative theory, with emphasis on the proposal developed by Pykkänen (2008). The results of the preliminary analyzes confirm that the morphological causativization in the tenetehára language occurs by means of the morphemes {*mu-*} and {-(*u*)*kar*}, however, there are some variations regarding the causativization of the unaccusative intransitive predicates.

**Keywords:** tenetehára language, causative structures, causative morphemes

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos (Poslin). Professora Assistente I da Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, *e-mail*: claudia-ama@hotmail.com. Este trabalho contou com a orientação do professor Fábio Bonfim Duarte e constitui o resultado apurado nas disciplinas de teoria sintática, cursadas durante o ano de 2019 no Poslin-UFMG.

## 1 INTRODUÇÃO

A língua tenetehára, falada pelo povo Tenetehára, pertence à família tupi-guarani, que, por sua vez, tem origem no tronco tupi. Atualmente é falada no estado do Maranhão por comunidades indígenas de mesorregiões como Oeste e Centro maranhense.

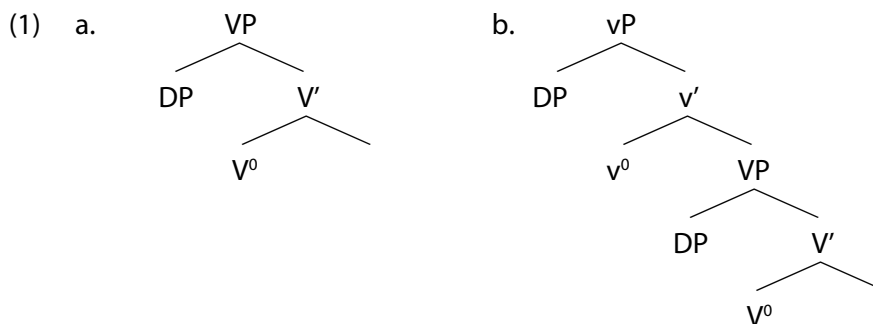
Essa língua indígena apresenta um processo de causativização bastante rico e complexo. Adotando a tipologia estabelecida por Comrie (1981), segundo a qual o processo de causativização varia em três formas estratégicas, a saber, causativização lexical, causativização analítica ou perifrástica e causativização morfológica, ressaltamos que a língua em questão apresenta esses três tipos. Neste estudo, todavia, destacamos apenas o processo de causativização morfológica, que ocorre por meio da adição dos afixos {*mu-*} e {-*ukar*} às bases verbais intransitivas e transitivas, respectivamente.

Nesse sentido, o presente *squib* tem como objetivo analisar o processo de causativização morfológica na língua tenetehára, realizado por meio dos morfemas causativos {*mu-*} e {-*(u)kar*}. O prefixo {*mu-*} tem a propriedade de causativizar verbos intransitivos (inergativos e inacusativos, por exemplo), tornando-os transitivos, enquanto o sufixo {-*(u)kar*} se afixa a verbos transitivos e os torna ditransitivos. Pretendemos, ainda, demonstrar algumas variações, identificadas nos dados, quanto ao comportamento sintático dos predicados inacusativos no curso do seu processo de causativização por tais morfemas. Essas variações diferem um pouco das variedades linguísticas analisadas em trabalhos anteriores, tais como os de Camargos (2013) e Duarte e Camargos (2011), que tiveram como base o dialeto tenetehára falado na Terra Indígena Arariboia.

Os dados utilizados para a realização dessa análise preliminar foram coletados a partir da aplicação de entrevistas não estruturadas a indígenas tenetehára-guajajaras da aldeia Cruzeiro, do município de Barra do Corda-MA, e da aldeia Lagoa Quieta, localizada no município de Amarante do Maranhão. Em seguida, esses dados foram analisados sob a perspectiva da teoria gerativa minimalista, com foco no processo de causativização de sentenças na língua estudada, segundo a proposta de Pylkkänen (2008).

## 2 O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO

O sintagma VP se constitui a partir do núcleo V e de suas relações com seus argumentos externos e internos. As estruturas internas das sentenças verbais, por sua vez, podem se construir a partir de VPs simples, com duas posições nucleares, ou de estruturas complexas duplas, que compreendem uma camada vP exterior com um núcleo VP interno a ela, dispondo de mais posições na estrutura argumental, capazes de alocar as configurações de verbos transitivos e ditransitivos. Podemos ter, assim, as representações sintáticas a seguir:



Considerando a importância da estrutura argumental complexa para explicar o funcionamento de alguns verbos, Radford, adaptando ideias de Larson (1988) e Hale e Keyser (1993), enfatiza que “VPs têm uma estrutura complexa, compreendendo um VP interno e uma camada vP externa, e que alguns argumentos (por exemplo, agente) se originam dentro da camada vP externa, enquanto outros (por exemplo, tema) se originam dentro do VP interno” (RADFORD, 1997, p. 192).<sup>1</sup> Nesse caso, como vemos na estrutura sintática em (1b), a projeção intermediária *v'* possui um núcleo *v°*, que será preenchido por um verbo de natureza causativa, chamado verbo leve (*light verb*).<sup>2</sup>

Segundo Adger (2002, p. 101), “muitas línguas têm estruturas, tradicionalmente chamadas causativas, que envolvem a justaposição de um verbo com uma partícula especial ou causação de marcação auxiliar”.<sup>3</sup> Esse evento de causação é desencadeado pelo verbo leve (*v°*) mencionado anteriormente, por meio do encaixamento, como seu complemento, do evento causado.

Em conformidade com Pylkkänen (2008), o núcleo causativo nas línguas naturais pode variar parametricamente. Assim, de acordo com o parâmetro de cada língua, o verbo leve pode ser abstrato (ou seja, um verbo nulo com a mesma interpretação causativa de um verbo realizado), um verbo realizado ou, ainda, ser marcado por um morfema causativo (prefixo ou sufixo), como acontece na língua tenetehára-guajajara que estamos estudando.

1 No original: “VPs have a complex structure, comprising an inner VP and an outer vP shell, and that some (e.g. agent) arguments originate within the outer vP shell, while other (e.g. theme) arguments originate within the inner” (RADFORD, 1997, p. 192).

2 O núcleo causativo tem recebido diferentes rótulos no âmbito da literatura gerativista, tais como: *v°* e *v°<sub>cause</sub>*. Assim, ao longo deste trabalho, poderemos utilizá-las concomitantemente.

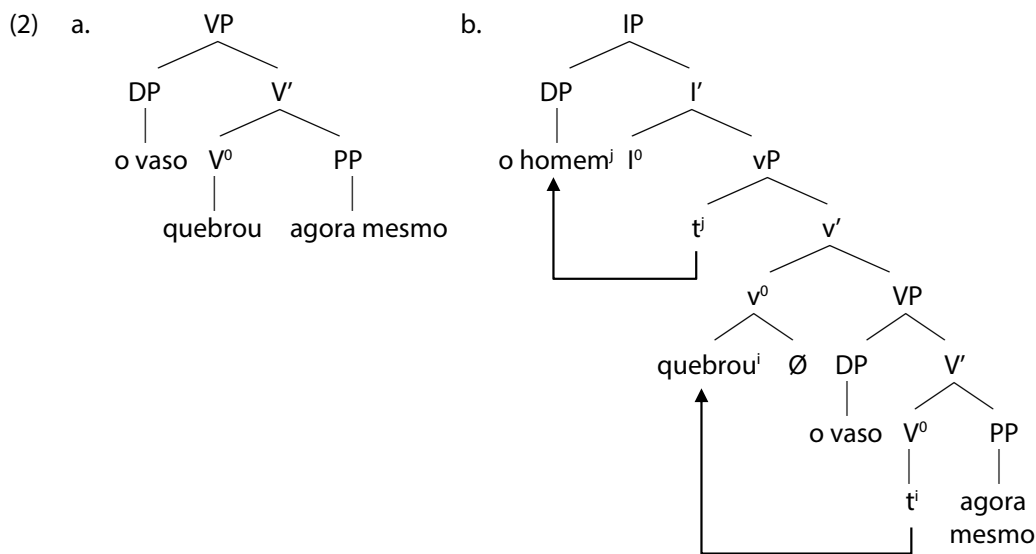
3 No original: “Many languages have structures, traditionally called causatives, which involve the juxtaposition of a verb with a special particle or auxiliary marking causation” (ADGER, 2002, p. 101).

Em sentenças consideradas bi-eventivas, formadas por VP complexo (com a camada vP), teremos a realização do fenômeno da causativização. Para explicar a sintaxe das sentenças causativas, Radford (1997) usa a análise de VP-Shell, conforme traçaremos o passo a passo dessa operação a seguir. De forma a deixar mais clara a análise apresentada pelo autor, utilizaremos como exemplos as sentenças a seguir:

- (2) a. O vaso quebrou agora mesmo.  
b. O homem quebrou o vaso agora mesmo.

Conforme procedimento delineado por Radford, para analisar a estrutura causativa, teremos os seguintes movimentos:

- (i) Inicialmente, temos a sentença (2a), *O vaso quebrou agora mesmo*, que está acarretada na semântica da sentença causativa (2b). Em (2a), o núcleo V *quebrou* é juntado com o seu complemento de PP *agora mesmo*, o qual pode ser considerado um adjunto com a propriedade de se fundir com a categoria do verbo para formar uma categoria expandida do mesmo tipo, ou seja, a projeção intermediária *V' quebrou agora mesmo*. Em seguida, *V'* é juntado com o DP *o vaso* para formar o VP.
- (ii) Considerando-se, então, a estrutura causativa (2b), *O homem quebrou o vaso agora mesmo*, supõe-se que, uma vez que a estrutura VP (2a) tenha sido formada, esta é incorporada ao verbo causativo abstrato (o verbo *fazer*), para que (2b) tenha a interpretação semântica semelhante a *O homem fez o vaso quebrar agora mesmo*.
- (iii) O verbo leve (*fazer*) é gerado como núcleo de  $v^{\circ}$  na camada v-VP e é responsável por desencadear o evento da causação. Assim, o verbo *quebrar* perfaz o movimento e alça para se unir a  $v^{\circ}$  abstrato, produzindo uma estrutura como “O homem fez + quebrar o vaso agora mesmo”. A estrutura resultante de *V'* é, então, juntada com o sujeito *o homem*, o qual recebe papel temático de agente (ou causa) pelo verbo causativo, para formar o vP complexo.
- (iv) Posteriormente, o vP estruturado se junta a um INFL abstrato para formar a projeção intermediária *I'* e o sujeito que é gerado (*o homem*) em spec-vP se move para spec-IP para verificar o caso nominativo e, assim, o processo de causativização é completado. Podemos visualizar as estruturas sintáticas de (2a) e (2b) a seguir:



Este processo de causativização, tal como mostrado anteriormente, promove o aumento da valência dos verbos em mais um argumento, de maneira que esse novo argumento passa a ocupar a posição de sujeito na estrutura argumental, e o argumento da construção intransitiva se torna o objeto da versão causativizada.

Pylkkänen (2008), estabelecendo uma teoria que interpreta a decomposição de eventos dos verbos por meio das relações de escopo sintático, argumenta que se pode encontrar situações em que a projeção de Voice ocorre acima de um núcleo CAUSE, de modo que o núcleo Voice não introduz nenhum evento adicional, visto que apenas introduz o argumento externo, relacionando-o ao evento apresentado abaixo pelo predicado CAUSE.

Corroborando a teoria desenvolvida por Pylkkänen (2008) sobre a decomposição de eventos dos verbos causativos, Schafer (2008) representa a decomposição em (3):

- (3) a. John opens the door.  
'John abriu a porta.'
- b. [John [Voice [CAUSE [the door OPEN]]]]

Nesse contexto, Schafer (2008, p. 139) conclui, sobre o exemplo citado em (3), que, de fato, "existe um evento *e* (um evento de abertura) e um estado *s* (a porta está aberta) e que o estado não seria verdadeiro se o evento não ocorreu"<sup>4</sup>, reafirmando a relação entre evento da causação e evento causado para designar a causativização.

Pylkkänen (2008) propõe, então, que todas as construções causativas, além de possuírem um núcleo Voice<sup>o</sup>, que introduz um argumento externo, devem necessariamente envolver um núcleo v<sup>o</sup><sub>cause'</sub> cuja função principal é introduzir o subevento da causação, ou seja,

4 No original: "There is an event *e* (an opening event) and a state *s* (the door is open), and that the state would not hold true if the event had not occurred" (SCHAFER, 2008, p. 139).

relacionar o evento da causação com o evento causado. De acordo com essa autora, considera-se a causação como um evento implícito resultante da relação entre dois eventos: o evento da causação (i.e. o causador) e o evento causado.

Desse modo, de acordo com essa proposta, a estrutura argumental das sentenças causativas apresenta uma configuração em que Voice<sup>o</sup> e v<sup>o</sup><sub>cause</sub> podem ser realizados separadamente como núcleos das estruturas causativas.

Conforme explicitado, Pykkänen (2008) propõe um núcleo v<sup>o</sup><sub>cause</sub> separado de Voice<sup>o</sup>. Esses núcleos podem variar em pelo menos duas maneiras quanto às suas realizações de acordo com os parâmetros de cada língua, a saber: i) Voice<sup>o</sup> e v<sup>o</sup><sub>cause</sub> podem ser realizados por núcleos funcionais distintos, em que cada núcleo tem uma projeção própria e, nesse caso, VoiceP introduz um argumento externo, e vP<sub>cause</sub> promove a semântica causativa da sentença; é o que ocorre com o tenetehára; ii) Voice<sup>o</sup> e v<sup>o</sup><sub>cause</sub> podem ser juntados sincreticamente, ou seja, esses núcleos possuem uma única projeção e, nesse caso, o núcleo causativo exige a presença de um argumento causador.

De acordo com a tipologia estabelecida na literatura gerativista, esse fenômeno da causativização nas línguas distingue três tipos de estruturas causativas, quais sejam: causativa lexical, causativa analítica ou perifrástica e causativa morfológica (COMRIE, 1981). A causativa lexical não apresenta um morfema causativo específico na estrutura morfológica do verbo. A causativa analítica forma sentenças estruturadas por meio de um verbo auxiliar como *fazer* ou *causar* e um verbo lexical. E, por fim, na causativa morfológica, o verbo recebe um morfema causativo para expressar o processo constituído de um evento da causação e um evento causado.

Enfocamos neste trabalho a causativização morfológica na língua tenetehára, dada por meio da associação dos morfemas {*mu-*} e {-(*u*)*kar*} aos verbos. De acordo com Camargos (2013), o prefixo {*mu-*}, em geral, aumenta a valência de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos), transformando-os em verbos transitivos. Por sua vez, o sufixo causativo {-(*u*)*kar*} se junta a verbos transitivos, transformando-os em ditransitivos.

Os morfemas {*mu-*} e {-(*u*)*kar*} apresentam variações morfológicas, condicionadas por fatores fonológicos ou morfológicos. Assim, o prefixo {*mu-*} apresenta os alomorfes {*mo-*} e {*m-*}, enquanto o sufixo {-(*u*)*kar*} tem as variações {*-kar*} e {*-ar*}.

## 2.1 O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO POR MEIO DOS MORFEMAS {*MU-*} E {-(*U*)*KAR*} EM TENETEHÁRA

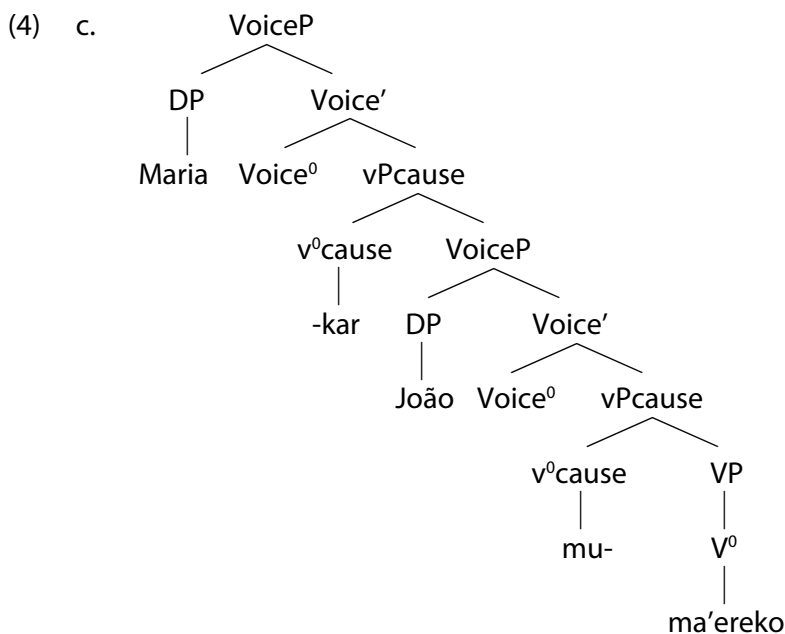
Conforme frisado anteriormente, o morfema {*mu-*} causativiza, de forma direta, verbos inergativos e inacusativos, resultando em verbos transitivos causativos com a significação "causar X".<sup>5</sup> Todavia, é importante ressaltar que alguns verbos inergativos da língua

5 Conforme Whaley (1997), a causação direta diz respeito à situação na qual as ações do agente (causador) têm impacto direto sobre as ações do participante causado. A causação indireta, por sua vez, está relacionada

tenetehára não podem ser causativizados somente com o morfema causativo {*mu-*}.<sup>6</sup> É necessário, pois, que a base inergativa seja inicialmente transitivizada pelo causativo {*mu-*}; só depois é possível sua causativização pelo morfema causativo {-(*u*)*kar*}, o qual tem a função de causativizar um evento de forma indireta. Analisemos os exemplos em (4):

- (4) a. *u-ma'ereko Zuàw*  
3<sub>SG</sub>-trabalhar João  
'João trabalha.'
- b. *u-mu-ma'ereko-kar Maria Zuàw a'e*<sup>7</sup>  
3<sub>SG</sub>-CAUS-trabalhar-CAUS Maria João ela  
'Maria fez João trabalhar.'

A partir do exemplo (4a), observamos que o verbo inergativo *ma'ereko* ('trabalhar') projeta o argumento DP agente *Zuàw* ('João'), mas, no processo de causativização verificado em (4b), esse verbo recebe o prefixo causativo {*mu-*} no núcleo de  $v^0_{\text{cause}}$ , com a função de transitivizá-lo e desencadear o evento causado. Consequentemente, *ma'ereko* passa a projetar dois argumentos nucleares, o DP *Maria* e o DP *Zuàw*. Como se vê na estrutura sintática em (4c), o novo argumento, o DP *Maria*, é introduzido na posição de sujeito pelo núcleo de VoiceP, recebendo papel temático de agente (causador), e o DP *Zuàw* (o qual era sujeito na estrutura inicial) passa a ocupar a posição de objeto, com papel temático de afetado.



à situação em que um sujeito agente (causador) executa uma ação que indiretamente desencadeia o evento causado, ou seja, as ações do causador não têm impacto direto sobre o participante causado.

6 Ver Duarte (2007) para detalhes sobre outros aspectos da sintaxe da língua tenetehára.

7 Segundo Camargos (2013), na língua tenetehára, os pronomes pessoais — *ihe* ('eu'), *zane* ('nós<sub>INCLUSIVO</sub>'), *ure* ('nós<sub>EXCLUSIVO</sub>'), *ne* ('tu'), *pe* ('vós'), *a'e* ('ele/ela') — são introduzidos no final de sentença a fim de retomar os sujeitos de verbos inergativos, inacusativos e transitivos das orações principais, com a função de enfatizá-los.

É possível conferir, nos exemplos em (5), que os dois morfemas  $\{mu-\}$  e  $\{-kar\}$  afixados em concomitância podem ser, de fato, interpretados como sendo a realização morfológica do núcleo causativo em predicados inergativos. Quando estes não coocorrem, dá-se a agramaticalidade no processo de causativização desses verbos intransitivos.

- (5) a. *u-zegar kwarer a'e*  
3<sub>SG</sub>-cantar menino ele  
'O menino cantou.'

(CAMARGOS, 2013, p. 144)

- b. \**u-mu-zegar awa kwarer a'e*  
3<sub>SG</sub>-CAUS-cantar homem menino ele  
'O homem fez o menino cantar.'

(CAMARGOS, 2013, p. 144)

- c. *u-mu-zegar-kar awa kwarer a'e*  
3<sub>SG</sub>-CAUS-cantar-CAUS homem menino ele  
'O homem fez o menino cantar.'

(CAMARGOS, 2013, p. 146)

Conforme vemos nas sentenças precedentes, no processo da derivação propiciada pelo morfema causativo  $\{mu-\}$ , o sujeito agente do verbo inergativo inicial *kwarer* ('o menino'), em (5a), passa a exercer a função sintática de objeto afetado na sentença exibida em (5c). Segundo Camargos (2013), essa alteração de papel temático deve-se ao processo de causação direta, ou seja, quando um verbo monoeventivo é submetido ao processo de causativização, a ação desencadeada pelo agente (causador) deve estar intrinsecamente ligada ao evento causado e, nesse caso, o DP agente (causador) exerce uma ação que afeta diretamente o DP afetado.

Dessa forma, o verbo *zegar* ('cantar'), em (5c), que projeta o DP agente *kwarer* ('o menino') não pode receber apenas o morfema causativo  $\{mu-\}$  como em (5b), visto que esse verbo inergativo barra a causativização direta e, conseqüentemente, torna a sentença agramatical. Nesse caso, devido ao fato de o verbo inergativo possuir em sua configuração interna a projeção VoiceP, a qual introduz um argumento externo agente, fica inviável a causativização por meio do morfema  $\{mu-\}$ . Isso ocorre porque as ações de um possível DP agente (causador) não podem ter impacto direto sobre o evento causado (complemento de  $v^{\circ}_{\text{cause}}$ ). É, portanto, a inserção do morfema  $\{-ukar\}$  que torna a sentença gramatical em (5c).

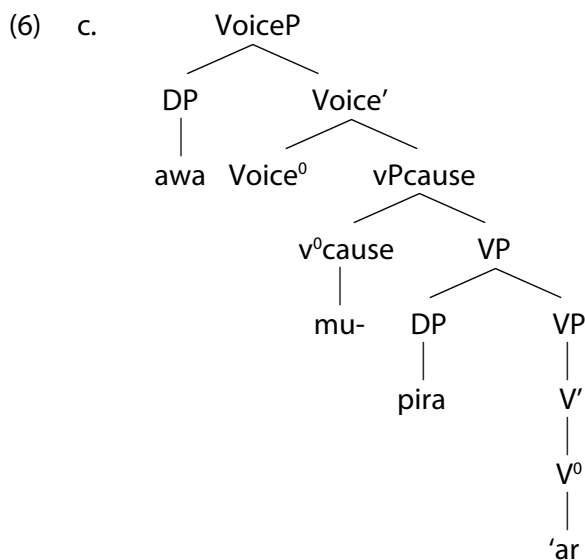
Quanto aos verbos inacusativos, esses também são causativizados por meio do morfema  $\{mu-\}$  e, nessa situação, os verbos transitivos causativos resultantes dos radicais inacusativos possuem a significação "causar X" na língua tenetehára. Nessa causativização, a ação do agente (causador) está diretamente ligada ao evento causado e, quando esses verbos são causativizados pelo morfema  $\{mu-\}$ , o processo ocorre de forma direta.



Assim como os inergativos selecionam somente um DP como argumento, os inacusativos também selecionam somente um argumento em posição de sujeito, mas com propriedade de afetado. Por meio do processo de causativização, esses verbos se transitivizam e passam a selecionar mais de um argumento, conforme veremos a seguir:

- (6) a. *u-'ar pira kwez*<sup>8</sup>  
3SG-cair peixe PASS  
'O peixe caiu.'
- b. *u-mu-'ar awa pira*  
3SG-CAUS-cair homem peixe  
'O homem fez o peixe cair.'

Na estrutura (6a), analisamos que o verbo inacusativo *'ar* ('cair') seleciona como seu sujeito o DP afetado *pira* ('o peixe'). Em (6b), o predicado inicial recebe o morfema causativo {*mu-*} no núcleo do  $vP_{\text{cause}}$ , cuja função é desencadear o evento da causação, de forma que o verbo passe a ser transitivo causativo e, em vez de um, são projetados dois argumentos nucleares, *awa* ('o homem') e *pira* ('o peixe'). Na estrutura sintática em (6c), o DP *awa* assume a posição de sujeito com papel temático de agente (causador) alocado em spec-VoiceP, e o DP *pira* passa a ocupar a posição de objeto, com papel temático de afetado.



Podemos observar, contudo, a partir de algumas estruturas elencadas a seguir, que os verbos inacusativos podem apresentar algumas variações quanto ao processo de causativização apresentado anteriormente:

- (7) a. *u-mu-me'e Maria Joana a'e*  
3SG-CAUS-acordar Maria Joana ela  
'Maria acordou Joana.'

<sup>8</sup> Ressalta-se que *kwez* = PASS indica o aspecto realizado.

- b. *u-mu-me'e-kar*                      *Maria Joana a'e*  
 3SG-CAUS-acordar-CAUS              Maria Joana ela  
 'Maria acordou Joana.'
- c. *u-mu-me'e*              *amàn Joana a'e*  
 3SG-CAUS-acordar chuva Joana ela  
 'A chuva acordou Joana.'
- d. *u-mu-me'e-kar*                      *amàn Erica a'e*  
 3SG-CAUS-acordar-CAUS              chuva Erica ela  
 'A chuva acordou Érica.'
- e. *u-mu-zyzyg-kar*                      *hakukwer ma'e putyr*  
 3SG-CAUS-murchar-CAUS              calor coisa flor  
 'O calor murchou a flor.'

Em (7a) e (7b), o verbo inacusativo *me'e* ('acordar') recebe o morfema causativo {*mu-*}, responsável por transitivizá-lo para que desencadeie o evento da causação. O DP *Maria* assume a função sintática de sujeito com papel temático de agente (causador), e o DP *Joana* assume a função sintática de objeto, com papel temático de afetado. Todavia, na estrutura em (7b), o predicado *me'e* recebe também o morfema {-*kar*}, o que sugere que a causação do evento de acordar dá-se de forma indireta.

Em (7c) e (7d), o DP *amàn* ('a chuva'), com propriedade semântica [-humano], assume a função sintática de sujeito com papel temático de causa (causador), e os DPs *Joana* e *Érica* assumem a função sintática de objetos afetados. E, assim como ocorre em (7b), em (7d) coocorrem os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*} afixados ao verbo inacusativo *me'e*, o que sugere que a causação do evento dá-se de forma indireta.

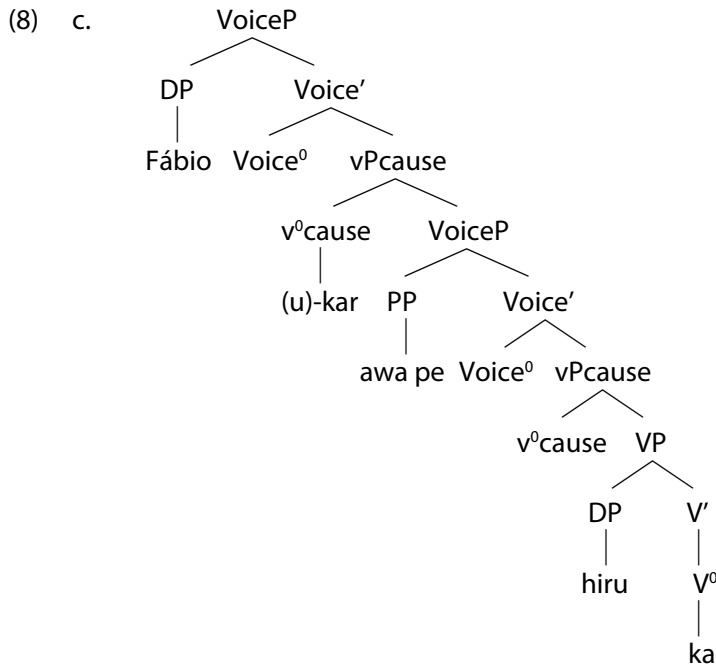
No que tange às observações sobre (7e), temos uma sentença com um verbo inacusativo que exprime mudança de estado. Conforme Schafer (2008), verbos de mudança de estado, como *zyzyg* ('murchar'), são considerados como causados internamente. Nesse caso, a mudança de estado ocorrida no evento está associada a propriedades inerentes do objeto, qual seja, *putyr* ('flor'), que muda de estado. Dessa forma, o DP sujeito com papel temático de causa *hakukwer* ('o calor') não pode causar diretamente o evento de murchar a flor, mas apenas auxiliar nesse processo, ou seja, causará indiretamente. Para que ocorra, assim, o processo de causativização desse predicado, é necessário que ele receba também o morfema causativo {-*(u)kar*}.

O sufixo {-*(u)kar*}, em geral, tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, acrescentando um terceiro argumento à estrutura argumental. Semanticamente, a adição do causativo {-*(u)kar*} a radicais transitivos deriva formas com a significação "fazer X", "mandar X" ou "pedir X" na língua tenetehára (CAMARGOS, 2013). Esse morfema introduz o evento da causação, o qual desencadeia o evento causado de forma indireta. Os verbos transitivos

são, assim, considerados verbos de dois lugares, pois selecionam dois argumentos DPs, um externo (sujeito) e outro interno (objeto). Procede-se à análise das sentenças em (8):

- (8) a. *u-ka awa ma'e hiru*  
3SG-quebrar homem DET vaso  
'O homem quebrou o vaso.'
- b. *u-ka-(u)-kar Fábio ma'e hiru awa pe*  
3SG-quebrar-CAUS Fábio DET vaso homem por  
'O Fábio fez o homem quebrar o vaso.'

De acordo com a proposta de Camargos (2013), a qual se baseia em instruções a partir de Pyllkänen (2008), o morfema  $\{-(u)kar\}$  pode ser interpretado como a manifestação fonológica do núcleo  $v^{\circ}_{\text{cause}}$ , o qual tem como função selecionar como complemento um vP fásico, ou seja, uma estrutura que introduz um argumento externo.<sup>9</sup> Vemos em (7a) que o verbo transitivo *ka* ('quebrar') projeta o argumento externo *awa* ('o homem') e o argumento interno *hiru* ('o vaso'). Nessa estrutura inicial, o DP *awa* ocupa a função sintática de sujeito e o DP *hiru*, a função de objeto. Em (8b), quando ocorre a causativização, o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  (que se realiza como núcleo de  $v^{\circ}_{\text{cause}}$ ) se afixa à base de um verbo estruturalmente transitivo, o qual já licencia um argumento externo, fazendo com que o evento descrito em (8a) seja interpretado como o evento causado. Nesse âmbito,  $\{-(u)kar\}$  introduz um evento de causação, projetando um vP fásico com um novo DP agente no núcleo de voiceP, ou seja, *Fábio*. Podemos observar a estrutura sintática em (8c):



<sup>9</sup> Os vPs fásicos constituem-se de estruturas argumentais completas, incluindo um núcleo Appl<sup>o</sup>, o qual introduz um argumento aplicado alto, ou um núcleo Voice<sup>o</sup>, responsável por licenciar um argumento externo agente.

Conforme veremos na análise dos dados a seguir, em (9), quando o morfema {*mu-*} é afixado a um verbo de base estrutural transitiva, a sentença será considerada agramatical:

- (9) a. *u-zuka kuzà zapukaz a'e*  
 3<sub>SG</sub>-matar mulher galinha ela  
 'A mulher matou a galinha.'

(CAMARGOS, 2013, p. 143)

- b. \**u-mu-zuka awa zapukaz kuzà ø-pe a'e*  
 3<sub>SG</sub>-CAUS-matar homem galinha mulher C-por ele  
 'O homem fez a mulher matar a galinha.'

(CAMARGOS, 2013, p. 143)

- c. *u-zuka-kar awa zapukaz kuzà ø-pe a'e*  
 3<sub>SG</sub>-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele  
 'O homem fez a mulher matar a galinha.'

(CAMARGOS, 2013, p. 144)

No exemplo (9a), o verbo *zuka* ('matar') projeta dois argumentos, quais sejam, o DP agente *kuzà* ('mulher'), com função de sujeito agente, e o DP *zapukaz* ('galinha') com função sintática de objeto. Entretanto, em (9b), a sentença se torna agramatical, pois o processo de causativização dos verbos de base estrutural transitiva em tenetehára não poderia ser realizado por meio da afixação do morfema causativo {*mu-*}, considerando-se que estes verbos projetam argumento externo agente, o qual é licenciado pelo núcleo de VoiceP. Nesse contexto, para que o predicado transitivo *zuka* possa ser causativizado, é necessário que receba o morfema causativo {-(*u*)kar} e não o morfema {*mu-*}, como ocorre em (9c).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizamos que o prefixo {*mu-*} transforma verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) em transitivos, aumentando, assim, a valência verbal desses predicados de um argumento para dois argumentos, por meio do processo de causativização direta. Quanto ao sufixo {-(*u*)kar}, discutimos que sua propriedade consiste em alterar a valência verbal de verbos transitivos para ditransitivos, possibilitando a seleção de três argumentos, promovendo a causativização indireta.

Essas conclusões já haviam sido feitas em outras pesquisas sobre as estruturas causativas na língua tenetehára, como, por exemplo, em Camargos (2013). Todavia, são necessárias considerações sobre o comportamento sintático dos verbos inacusativos quanto à sua causativização morfológica por meio dos morfemas causativos {*mu-*} e {-(*u*)kar}, quais sejam: i) podem ser causativizados por meio do morfema {*mu-*} de forma direta, com seleção de DP agente e causa; ii) podem ser causativizados por meio da coocorrência dos

referidos morfemas, com seleção de DP agente e causa; ii) os verbos de mudança de estado causados internamente podem ser causativizados por meio da coocorrência de {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}, em processo de causação indireta.

Para que cheguemos a conclusões precisas sobre o processo de causativização das estruturas em tenetehára, principalmente quanto aos verbos inacusativos e suas variações possíveis, mais dados precisam ser coletados e analisados exaustivamente, do ponto de vista descritivo e teórico; além disso, devem ser feitos testes com advérbios orientados a agentes ou a vP, entre outros.

## REFERÊNCIAS

ADGER, D. *Core Syntax: A minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Estruturas causativas em tenetehára: uma abordagem minimalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Causativização morfológica na língua tenetehára: análise à luz da estrutura bipartida do VP. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte – MG, v. 6, p. 1-28, 2013.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda (org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (org.). *The view from building 20*. Cambridge Mass.: The MIT Press, 1993.

LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 19, p. 335-391, 1988.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge Mass.: The MIT Press, 2008.

RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge Mass.: Cambridge University Press, 1997.

SCHÄFER, Florian. *The syntax of (anti-)causatives: external arguments in change-of-state contexts*. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2008.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications, 1997.

*Squib* recebido em 19 de maio de 2020.

*Squib* aceito em 4 de julho de 2020.